

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TIJOLOS E ESPELHOS - O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955-2015)
PARTE I - ANTES DA REVOLUÇÃO
14 e 24 de Fevereiro de 2023

KHARMAN VA BAZR / 1965

“A Colheita e a Semente”

um filme de Ebrahim Golestan

Realização: Ebrahim Golestan / Produção: Iranian Oil Exploration and Production Company (Irão, 1965) / Produtor: Ebrahim Goslestan / Cópia: DCP, preto e branco, legendada em inglês e electronicamente em português / Duração: 28 minutos / Título inglês: Harvest and Seed Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

YEK ETEFAGH SADEH / 1973

“Um Simples Acontecimento”

um filme de Sohrab Shahid Saless

Realização: Sohrab Shahid Saless / Imagem: Naghi Ma'sumi / Interpretação: Hedayatollah Navid, Hibibollah Safarian, Ane Mohammad Tarikhi (pai), Mohammed Zamani Mohammad).

/ Produção: Ministério da Cultura do Irão / Produtor: Sohrab Shahid-Saless / Produtor Executivo: Kasem Radjiniya / Cópia: em ficheiro (original em 35mm), cor, versão original em persa, legendada em inglês e electronicamente em português / Duração: 82 minutos / Título inglês: “A Simple Event” / Primeira apresentação pública: 1973, Festival de Cinema de Teerão / Primeira apresentação no estrangeiro: Junho de 1974, festival de Cinema de Berlim / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca: 24 de Setembro de 1992, “Semana do Cinema Iraniano”.

Une os dois filmes desta sessão o retrato de uma pobreza extrema que conduz a vida ao limite do sustentável. Realizado por Ebrahin Golestan em 1965, **Kharman va Bazr** é um estudo das condições de uma aldeia iraniana depois das reformas verificadas na agricultura nos anos sessenta. Como escreveu Ehsan Khoshbahkt a propósito deste filme, pode ser visto como a resposta iraniana a **Las Hurdes** (1933) de Luis Buñuel, o que revela muito da miséria retratada em mais uma “terra sem pão”. Os testemunhos são exemplares no modo como acompanham as admiráveis imagens documentais que nos apresentam “as boas e más histórias da terra”. A importância das bombas de água para a rentabilidade da agricultura local e a dificuldade em as instalar estão no centro de grande parte dos testemunhos numa terra em que, como revelam os entrevistados, a água não é potável, as crianças não vão à escola, não há médicos, e em que só quem tem bomba de água na aldeia consegue ganhar a vida em terras que, muitas vezes atravessadas pelos nómadas, sofrem dificuldades acrescidas de produção. “Gastam o dinheiro todo dos nossos impostos em luzes da cidade”, diz um dos principais entrevistados, apontando para a dimensão mais crítica do cinema de Golestan, que se manifesta de diferentes formas em toda a sua obra, do universo documental – são vários os seus trabalhos documentais que exibimos neste Ciclo, em que se destacam **Yek Atash** / “Um Fogo” (1961), **Moj, Marjan, Khara** / “Onda, Coral, Pedra” (1961) ou

Tappe-Haye Marlik / “As Colinas de Marlik” (1964) – ao ficcional – exibimos já também **Khesh o Ayeneh / “O Tijolo e o Espelho”**, uma das suas grandes obras e uma das obras-primas da nova vaga iraniana, que terá mais uma exibição em Março.

Kharman va Bazr esteve muitos anos proibido pois documenta uma dura realidade associada a uma reforma agrária que em vez de contribuir para uma redistribuição da riqueza, deixou muitos de fora de um esquema repleto de corrupção. Após a produção de **Kharman va Bazr** as cópias do filme foram confiscadas pelo governo, pelo que este desapareceu de circulação. Dois anos depois o próprio Golestan saíria do Irão. No fundo **Kharman va Bazr** revela como o documentário foi a grande escola de Golestan, cineasta, produtor, escritor e tradutor nascido em 1922 e que desde cedo se afirmou como um artista talentoso e como uma das mais proeminentes da cultura iraniana (vimo-lo recentemente “em correspondência” com Jean-Luc Godard em **À vendredi, Robinson**, de Mitra Farahani, 2022), cuja obra se move por caminhos muitas vezes inclassificáveis, entre os domínios da poesia, da alegoria filosófica (pensamos em alguns dos mais fortes momentos de **O Tijolo e o Espelho**) e o realismo mais directo, e em que diferentes tempos e culturas se encontram no presente.

Yek Etefagh Sadeh / Um Simples Acontecimento é primeira longa-metragem de Sohrab Shahid Saless (1944-1998), cineasta com uma obra extremamente singular e com grande importância no contexto da nova vaga do cinema iraniano. De Shahid Saless já vimos também nestes dias **Dar Ghorbarat / “Longe de Casa”** (1975), filme realizado dois anos depois, já no exílio alemão, pois é na Alemanha que Saless realizará os seus filmes seguintes (o último é de 1992), antes de se mudar definitivamente para os Estados Unidos. Não vimos as mais de vinte curtas-metragens e documentários que realizou entre 1969 e 1972 depois de estudar cinema no estrangeiro, filmes sobre aspectos tradicionais da cultura iraniana, encomendados pelo Ministério da Cultura e das Artes, em que, como Ebrahim Golestan, Saless terá aproveitado para expor as condições de vida do povo do seu país e para experimentar as inúmeras possibilidades do cinema. Não vimos também **Tabiat-e Bijan / Natureza Morta** (1974), o filme posterior a **Yek Etefagh Sadeh** que terá obrigado Saless a abandonar o Irão para não mais voltar.

Yek Etefagh Sadeh é por si só de uma obra surpreendente no seu minimalismo extremo e rarefacção narrativa, que serão duas características basilares do cinema de Shahid Saless. Ehsan Khoshbakt descreveu-a como uma “obra-prima misteriosamente silenciosa”, o que reenvia para duas vertentes do filme: a omnipresença do silêncio associada à quase ausência de diálogos, e o mistério que a atravessa do princípio ao fim, em que se há coisas que ganham progressivamente sentido, outras permanecerão de algum modo na obscuridade, prolongando a atmosfera de desolação, que estende da paisagem às poucas personagens.

À semelhança dos filmes anteriores do cineasta, **Yek Etefagh Sadeh** foi financiado pelo mesmo Ministério da Cultura do Irão e face ao filme percebemos claramente porque não agradou aos seus financiadores, embora tenha agradado à crítica depois de uma inesperada estreia no Festival de Cinema de Teerão, onde conquistou um prémio, e posterior circulação internacional com passagem pelo Festival de Berlim. Tendo sido rodado em apenas dez dias com o orçamento de uma curta-metragem, envolve um conjunto de actores amadores e uma clara economia de meios. **Yek Etefagh Sadeh** retrata o quotidiano de um rapaz de dez anos que vive numa pequena localidade iraniana nas imediações do Mar Cáspio, filho de um pai

pescador sem licença e de uma mãe extremamente doente, abandonado à sua sorte e a uma vida de miséria e de solidão. Miséria que é também emocional, pois, desde logo, **Yek Etefagh Sadeh** surpreende pela aparente ausência de comunicação e de afecto que se instala entre o jovem Mohammad e os pais, que nos leva a questionarmo-nos sobre as suas reais relações.

Shahid Saless filma pacientemente os mesmos gestos e os movimentos de Mohammad, que se repetem dia após dia, entre a escola, a recolha e venda do peixe apanhado clandestinamente pelo pai, e o regresso a casa onde encontra a mãe doente e come uma parca refeição antes de ir para a cama, enquanto o pai permanece num bar. A *mise-en-scène* adapta-se assim a uma atmosfera rarefeita em que tudo é reduzido ao mínimo: os diálogos, os espaços, os movimentos de câmara, os sentimentos expressos. O silêncio torna-se agressivo, sendo que os poucos diálogos de **Yek Etefagh Sadeh** surgem apenas após vários minutos de filme, desenvolvendo-se sobretudo no contexto da escola frequentada por Mohammad.

Em 1979, numa entrevista à revista *CinémAction*, Shahid Saless dá-nos algumas pistas para melhor percebermos a constância da sua obra e do seu método, em que se privilegia a objectividade e distância face ao espectador, em detrimento da exploração dos sentimentos: “É um estilo que eu desejo adoptar em todos os meus filmes: observar, notar, sem procurar fazer partilhar as emoções e os sentimentos das pessoas que eu descrevo (...) Prefiro dar a ver.” Um “método” que em grande parte herda do teatro de Tchekhov: “Foi lendo as suas obras que aprendi a permanecer frio, sempre objectivo... procuro criar uma distância não participando na vida das pessoas que filmo.”

Tal distância manifesta-se numa quase total ausência de emoção das personagens face ao que as rodeia, incluindo a morte da mãe de Mohammad, o acontecimento “nada simples” referido no título. Não sabemos o que vai acontecer a Mohammad, pois os dias repetem-se quase iguais, e se a desolação se acentua com a morte da mãe e a chegada de Mohammad a uma casa vazia, há também a tentativa (mal-sucedida) do pai em comprar-lhe um fato novo, inequívoco gesto de afecto que rima com os raros momentos em que o rosto do menino de ilumina quando ouve uma canção de embalar ou com a cena em que lhe oferecem uma refeição quente no bar.

Recusando todo o sentimentalismo, o resultado é uma obra negra e pessimista, mas inequivocamente aberta e que provoca um grande desconforto e deixa espaço para uma nossa própria subjectividade. Acusado de ser excessivamente pessimista, Shahid Saless replicaria que a própria vida era assim e que talvez o desconforto convidasse à acção. Não conhecemos o destino de Mohammad, mas as súbitas diferenças que se instalam na repetição do seu quotidiano, deixam em aberto a hipótese de que algo possa vir a mudar.

Joana Ascensão